

REVISITANDO O PASSADO: A ELABORAÇÃO DE UMA SALA MEMORIAL E OS 60 ANOS DO COLÉGIO JOÃO XXIII DE MARINGÁ

Eloá Lamin da Gama¹ (PIBID/CAPES)

Leticia Samara Andreussi Diniz² (PIBID/CAPES)

Universidade Estadual de Maringá

Resumo: O PIBID História-Sede, da Universidade Estadual de Maringá, atuante no Colégio Estadual João XXIII Ensino Fundamental, Médio e Técnico, localizado na Vila Operária, na cidade de Maringá – PR, do ano de 2014 a 2016, buscou realizar um projeto para a Semana de Integração Família-Escola de 2016, ocorrida no período de 10 a 15 de Outubro do mesmo ano, abordando a temática de comemoração dos 60 anos do colégio. Vislumbrando a necessidade de resgatar a história e memória da instituição de ensino, os bolsistas do PIBID organizaram uma Sala Memorial, onde foram expostos acontecimentos que marcaram a trajetória do colégio, utilizando-se de metodologias e recursos didáticos para tal exposição, como montagem de uma linha do tempo desde a fundação, no ano de 1957, até os dias atuais, fotos, objetos antigos e depoimentos de alguns funcionários. Neste trabalho buscamos relatar nossa experiência na elaboração do projeto e apresentar os resultados obtidos.

Palavras-chave: Sala Memorial; História; Memória; 60 anos do Colégio João XXIII.

Introdução

O PIBID História-Sede da Universidade Estadual de Maringá, esteve atuando no Colégio Estadual João XXIII Ensino Fundamental, Médio e Profissional, do ano de 2014 a 2016. Em seu último ano na instituição, o grupo conjuntamente com a professora supervisora, realizou uma intervenção pedagógica com a ajuda de professores e funcionários. O projeto foi de organização de uma Sala Memorial planejada para a comemoração dos 60 anos do colégio, com o intuito de ser aberta para visita de alunos e comunidade.

O projeto e, posteriormente, organização da Sala Memorial, decorreu a partir de três objetivos centrais estabelecidos pelo grupo: 1) manter viva a história e a memória do Colégio, buscando proporcionar na comunidade escolar o sentimento de participação efetiva na construção dessa

¹ Graduanda de Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Maringá - Campus Sede e Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (eloalamin@hotmail.com)

² Graduanda de Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Maringá - Campus Sede e Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (leticiaandreussi@gmail.com)

memória; 2) comemorar os 60 anos de existência da instituição com a apresentação e exibição da Sala Memorial na Semana de Integração Família-Escola do ano de 2016; 3) deixar o projeto como um legado do grupo do PIBID, já que este seria o último ano de atuação da professora supervisora, e conseqüentemente, do Programa na escola, onde convivemos e intervimos pedagogicamente durante três anos.

O Colégio Estadual João XXIII é um dos colégios mais antigos da cidade de Maringá, fundado no dia 01 de março de 1956 com a nomenclatura de Curso Normal Regional. Ao longo dos anos seu nome e modalidades de ensino passaram por diversas alterações, tendo em 2011 sua última modificação, nominado de Colégio Estadual João XXIII Ensino Fundamental, Médio e Profissional:

“No dia 01 de março de 1956, foi fundado na Vila Operária, o embrião do que se tornou o colégio João XXIII, ainda sob o nome de “Curso Normal Regional”. O colégio durante esses sessenta anos sofreu várias alterações em seu nome e no seu ensino, a saber:

A mudança de nome para “Escola Normal de Grau Ginásial Eduardo Claparède”, ocorreu em 1960, em homenagem ao neurologista e psicólogo do desenvolvimento infantil suíço, que se destacou pelos seus estudos nas áreas da psicologia infantil, da pedagogia¹ e da formação da memória.

Em 03 de março de 1964, ocorre uma nova alteração pelo Decreto nº 14.335, a escola passou a chamar-se “Ginásio Estadual da Vila Operária”. Sendo que em agosto do mesmo ano, por meio do o Decreto nº 15.640, ocorreu mudança na nomenclatura, que alterou sua denominação para “Ginásio Estadual João XXIII”, nome que permaneceu até 30 de dezembro de 1969, quando recebeu o nome de “Colégio Estadual João XXIII”, pelo Decreto no 17.782.

Seis anos depois, em 1975, foi estabelecido o “Complexo Escolar João XXIII – Ensino de 1º e 2º Graus”, pelo Decreto nº 1.368, de 03 de dezembro daquele ano, e era composto por esta e mais três escolas, os “Grupos Escolares”: Anita Garibaldi, Campo Sales e Marco Antônio Pimenta. Em 1980, ocorreu a junção do Grupo Escolar Anita Garibaldi e do Colégio Estadual João XXIII, formando um único estabelecimento de ensino sob o Decreto de Agregação no 1.980/80.

No ano de 1988, o colégio recebeu autorização para ministrar o curso supletivo no 1º grau, pela resolução nº 293, de 22 de janeiro de 1988, passando a chamar-se “Colégio Estadual João XXIII – Ensino de 1º Grau Regular e Supletivo e 2º Grau Regular”.

A Educação Especial teve início com funcionamento de uma classe especial, área de Deficiência Mental, pela Resolução no 852/88. Em 31 de maio de 1991, pela Resolução nº 1.915, são transferidas da Escola Gabriela Mistral duas classes especiais, área de Deficiência Mental, para o Colégio Estadual João XXIII.

Pela Resolução no 3.257/90, ficou autorizado o funcionamento do Centro de Atendimento Especializado, área de Deficiência Visual e de uma Sala de Recursos,

área de Distúrbios de Aprendizagem, pela resolução no 1.972/92. Em outubro de 1993, por meio da Resolução de nº 5.576, é autorizada a implantação do Curso Técnico em Curtimento, iniciado a partir de 1994 - com encerramento e desativação em dezembro de 1999 - e o Colégio a partir de então passou a se chamar: “Colégio Estadual João XXIII – Ensino de 1o Grau Regular e Supletivo, 2o Grau e Técnico Profissionalizante”.

Na data de 27 de setembro de 2011, foi publicada no Diário Oficial a última alteração do nome da escola, pela Resolução 3528, que com a inclusão do Curso Técnico em Vestuário, passou a ser denominado como “Colégio Estadual João XXIII – Ensino Fundamental, Médio e Profissional”. (SEED)

O colégio está localizado no Jardim Aeroporto, divisa com a Vila Operária. Porém, quando se procede pela busca no site da escola, nos deparamos com a história do último bairro citado. Isto se dá, porque a maioria dos alunos que o colégio atende e que já atendeu sempre foi da Vila Operária e também, porque o bairro é mais antigo que o Jardim Aeroporto. Sua criação ocorreu com a fundação da cidade de Maringá, em 1947. Outro ponto importante a ser ressaltado é de que, historicamente, a própria população que reside nesta região sempre se declarou ao longo dos anos, habitante da Vila Operaria e não do bairro Aeroporto (MARINGÁ, 2002).

No planejamento inicial de Maringá, arquitetado pelo engenheiro Jorge Macedo Vieira, fica evidente a disposição segregacionista na qual a cidade foi organizada e estruturada. Dividida em diversas zonas como Zona Central, Zona Comercial, Zona Comercial Principal, Zona Industrial, Zona de Armazéns, Zona Residencial e Zona Verde, a cidade de Maringá foi projetada em regiões articuladas entre si e controladas pelo zoneamento.

Próximo à Zona Industrial, foi criada a Vila Operária (Zona 3), um bairro predominantemente residencial, mas que também possuía comércio e algumas fábricas, a fim de abrigar os trabalhadores das indústrias localizadas nas proximidades, evitando as distâncias entre suas moradias e o local de trabalho, e restringido os a circulação em outras zonas da cidade, como a Zona Central e Residencial, onde moravam os que detinham poder aquisitivo. Os lotes de terrenos eram vendidos por preços baixos, comparados a outros bairros. Inicialmente as casas eram, em sua maioria, feitas de madeira, devido ao custo baixo e de rápida edificação. A população da região era caracterizada por sua simplicidade e por seu perfil operário, formada por migrantes e imigrantes, destacando-se os nordestinos, “o símbolo por excelência da Vila Operaria é o trabalho, seu elemento fundante e razão de sua existência” (MARINGÁ, 2002, pg.66). Onde, o operário e seu trabalho davam vida e significado ao bairro.

Além dos operários das fábricas havia também muitos vendedores ambulantes, uma atividade marcante nas três primeiras décadas de existência do bairro, onde se destacou a emblemática atividade do bucheiro “um homem que diariamente saía de sua casa montado em uma carroça adaptada com um compartimento em forma de caixa, em cujo interior levava miúdos de boi”. (MARINGÁ, 2002, pg.29). As mulheres da Vila Operária não se restringiam aos serviços domésticos, elas também trabalhavam fora de casa, caracterizando ainda mais o caráter operário do bairro. A região era um lugar onde pessoas de várias regiões da cidade iam em busca de mão de obra, destacando-se o furador de poço.

Na década de 1960 iniciou-se uma urbanização na região, elevando o custo de vida e provocando a primeira migração forçada de alguns moradores para bairros mais afastados ainda. Por volta dos anos de 1970, famílias de bens de áreas rurais se mudam para o bairro, muitas vezes atraídos por moradores da região, “a aquisição de áreas urbanas, aliada às comodidades da cidade, os fazem mudar de meio, resultando na elaboração de projetos habitacionais requintados, sem perder os traços campestres na concepção arquitetônica” (Maringá, 2002, pg.54).

A partir da década de 1980 tem-se uma onda de desenvolvimento socioeconômico que atingiu a vila, modificando sua estrutura e funcionamento (MARINGÁ, 2002), os terrenos se tornaram mais caros, as casas de madeira foram sendo substituídas por edifícios e casas de alvenaria, as fábricas do bairro e as indústrias das proximidades foram transferidas para regiões mais afastadas, ocasionando uma nova migração dos operários para outros bairros. Na década de 1950, o bairro estava inserido na periferia da cidade. Desde a década de 1980 até os dias de hoje, a vila passou e tem passado por grandes transformações, após longos anos, a região se tornou central, de grande valor imobiliário, próximo a colégios e a uma Universidade privada, e a condomínios residenciais fechados, abarcando em seus moradores uma diversidade econômica e social.

Vale ressaltar que o bairro foi “uma região pioneira na colonização de Maringá, sede de instituições referenciais na história de uma sociedade (hospital, cinema, comércio, indústria etc.)” (MARINGÁ, 2002, pg.17), e foi neste cenário que foi fundado o João XXIII, na época era um dos colégios de maior infraestrutura da Vila, atendendo alunos do Centro e da Operária. Por ser uma instituição pública, os discentes matriculados eram prioritariamente de baixa renda. Nos dias de hoje, o colégio recebe um número reduzido de alunos da região, pois a maioria dos que residem em suas proximidades são matriculados em escolas particulares do

bairro. Sendo assim, grande parte dos discentes é de bairros periféricos da cidade e se encontra nas classes pobres, e até mesmo, em situação de vulnerabilidade.

O nome do colégio é uma homenagem ao falecido Papa João XXIII, Angelo Giuseppe Roncalli (1881- 1963), conhecido como “Papa da Bondade”, que ajudou a salvar muitos judeus durante a Segunda Guerra Mundial. Ao longo dos 60 anos, o colégio teve sua própria fanfarra, participou de várias feiras de ciências, produzindo em seu recinto diversas festas e apresentações culturais.

Objetivos da Sala Memorial

Segundo Pierre Nora (1993) os memoriais são lugares de memória, ou seja, espaços que bloqueiam a ação do esquecimento, desse modo, manter viva a história e memória de instituições diversas, é um dos principais objetivos de uma sala memorial, que atua preservando e dando continuidade ao legado de pessoas, famílias, instituições públicas ou privadas, enfim, de organizações sociais, que contribuíram, de alguma forma, para a história de determinado lugar, trazendo benefícios a determinado grupo.

Nos 60 anos de existência do Colégio João XXIII, a Sala Memorial surgiu com o objetivo de proporcionar o sentimento de pertencimento, de identificação de sua comunidade, não só com o espaço físico da escola, mas também o que ele representou em suas vidas, contribuindo com a manutenção do legado histórico do Colégio para com a comunidade escolar, localizada na Vila Operária e em outros bairros da cidade, bem como para Maringá.

“O estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento” (LE GOFF, 1990, p.426). Por conseguinte, o conceito de memória, aqui desbiologizado, e no sentido social e coletivo, além de preservar múltiplos conhecimentos, podendo dar continuidade a trabalhos iniciados e de grande relevância social, proporciona a construção de uma identidade em comum entre grupos, que podem ser ou não, historicamente marginalizados e invisibilizados. A comunidade atendida pela escola, está compreendida por nós, como pertencente a esse último grupo, devido a diversas opressões ligadas a classe, raça, etnia e gênero, e devido ao imaginário higienista da maioria da população da cidade, que marginaliza o Colégio e seus estudantes, devido ao espaço onde está localizado, e a imagem estigmatizada propagada pela mídia local.

A construção da identidade para seres e grupos sociais historicamente excluídos e apartados é um processo essencial para a autovalorização, autoestima e auto pertencimento, tanto individual como coletivo, desses grupos, promovendo assim seu próprio bem estar como o da sociedade, de um modo geral, que se compreenderá a partir da diversidade e multiplicidade, e não apenas a partir da perspectiva dos grupos dominantes e hegemônicos.

Por conseguinte, recuperar e publicizar parte da memória da comunidade escolar, e consequentemente, possibilitar a construção ou o fortalecimento de uma identidade coletiva dela mesma, foi um dos objetivos centrais do nosso trabalho na instituição.

“Podemos portando dizer que *a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade*, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.” (POLLAK, 1992, p.204).

Compreendemos que a instituição escolar não está alheia à história de vida de seus frequentadores, pois se considerarmos que uma pessoa passa grande parte de sua vida frequentando a escola, sobretudo durante os anos iniciais de sua formação cidadã, este ambiente atua e influencia diretamente em suas relações pessoais e sociais. Os laços amistosos ou não, estabelecidos ali, estão atrelados à memória afetiva, e são parte essencial do ambiente escolar. Esses laços contribuem para um melhor ensino e aprendizagem e, atuam na formação do/a aluno/a enquanto sujeito da História.

Desse modo, buscamos através da preservação e seleção de objetos, fotografias, registros escritos, e da História Oral, narrada por meio da realização de entrevistas, que a história do Colégio fosse contada por os sujeitos integrantes de seu corpo docente, administrativo e auxiliar, para a comunidade atendida pela escola.

As entrevistas foram realizadas com funcionários e professores, antigos e atuais, que contribuíram para a construção da memória da escola, e que nos autorizaram o registro audiovisual e escrito de seus depoimentos. Ao executar o método de entrevistas estamos fazendo uso da História Oral, lidando diretamente com a memória individual das pessoas, e devemos levar em consideração as condições físicas e psicológicas dos entrevistados. Além desse fato, devemos considerar que memórias individuais e coletivas se confundem, “[...] portanto, estamos sujeitos a influências, bem como a influenciar, os grupos a que pertencemos e com os quais nos identificamos” (MATOS e SENNA, 2011, p.97). Logo, a memória da pessoa entrevistada pode se confundir com a da escola e vice versa.

A entrevista é um ato voluntário, que envolve a memória bem como os interesses dos entrevistadores e dos entrevistados. O primeiro grupo já tem objetivos explícitos, tanto na seleção de perguntas como na dos que irão recebê-las. O segundo grupo, também é provido de interesses, tendo objetivos ao disponibilizar a entrevista, “[..] relacionados não ao historiador, mas a si próprio, ou seja: conceder ou não a entrevista é um ato voluntário, integrante de um complexo universo de interesses e estratégias ao qual, muitas vezes, o historiador sequer tem acesso” (AMADO, 1997, p.153).

De acordo com Verena Alberti (2005, p.32 -33), o processo de seleção dos entrevistados deve ser, em primeiro lugar, “[...] entre aqueles que participaram, viveram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências ou situações ligadas ao tema e que possam fornecer depoimentos significativos”. Desse modo optamos por entrevistar funcionários, dos diversos setores do Colégio, dentre eles professores, equipe pedagógica e equipe de serviços gerais, que já tinham um longo tempo de trabalho na escola, e que em sua maioria, eram muito conhecidos e queridos pela comunidade escolar, em especial, pelos alunos e alunas. Destaque para o grupo de funcionários de serviços gerais, os mais estimados pelos estudantes, e para pessoas como *Dona Léia*, a zeladora da Colégio, popularmente conhecida como “tia do pátio”, de aproximadamente 70 anos de idade, e quase 50 anos de dedicação a instituição.

Ao organizar nossas questões para as entrevistas que foram gravadas, buscamos elaborar perguntas que direcionasse o entrevistado a nos relatar sua experiência de vida profissional e pessoal, dando ênfase em como o Colégio esteve presente em sua memória e trajetória. De acordo com Jacques Le Goff (1990, p.423), a memória nos remete a um conjunto de funções psíquicas, que podem atualizar ou modificar algumas impressões ou informações que tivemos no passado, portanto podemos compreender a memória individual como uma construção psíquica e intelectual de fragmentos que representam o passado, porém nunca em sua totalidade, e sim parcialmente. Desse modo, nos atentamos a essas questões ao utilizarmos o método de entrevistas.

Com as gravações concluídas, nosso objetivo era que esses vídeos ficassem sendo projetados em uma das paredes da sala memorial, para que conforme as pessoas fossem visitando, o vídeo estivesse sendo reproduzido, podendo ser assistido e ouvido pelos visitantes. Para tal fim os vídeos precisariam ser editados, portanto, nós fizemos as marcações de todas as entrevistas para todos os erros e pausas serem removidos. Todavia, devido a problemas técnicos e ao tempo hábil, tais edições não foram possíveis.

Construção da Sala Memorial

Nós buscamos, na exposição, retratar acontecimentos que marcaram a história da instituição, atribuindo visibilidade aos sujeitos que a integram, para que estes pudessem conhecer sua trajetória bem como se identificar enquanto parte essencial da construção e permanência dessa memória.

Para tal fim nós confeccionamos uma linha do tempo que abordou os principais fatos ocorridos no Colégio, desde sua fundação, até os dias atuais, expusemos fotografias de eventos, festas, palestras, atividades e reuniões pedagógicas, que selecionamos dentro do acervo da escola, e objetos antigos que estavam encostados e que já não tinham mais utilidade, como uma máquina de escrever manual, um mimeógrafo a álcool, vídeo cassete e instrumentos musicais do antigo grupo de fanfarra da escola, sendo todos devidamente etiquetados, pois muito dos alunos não sabiam qual a função daqueles objetos.



1- Seleção das fotos e objetos antigos.



2- Alguns dos objetos antigos expostos



3- Confeção da linha do tempo.



4- Entrada da Sala Memorial

A sala memorial foi instalada numa antiga sala de aula, que anteriormente, já havia sido utilizada como laboratório científico, desse modo, a ajuda do professor de Ciências foi de extrema importância para a retirada de materiais químicos, presentes na sala e sua correta destinação. No momento do trabalho, a sala estava desativada, servindo como depósito de livros didáticos antigos e já utilizados pelos estudantes, que, em sua maioria, foi doada a uma comunidade indígena da região, por meio da parceria, proposta pelo grupo do PIBID, entre a direção do Colégio João XXIII e o Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-História da Universidade Estadual de Maringá (LAEE/UEM).

Após a retirada dos livros didáticos da sala, prosseguimos com a limpeza do espaço que estava totalmente sujo e empoeirado, e dos objetos que iriam ficar expostos, tendo a disposição os materiais de limpeza e higiene concedidos pelo Colégio. Organizamos os objetos antigos em mesas que pertenciam a sala, devidamente etiquetados com a função de cada um, confeccionamos um painel com a linha do tempo da escola, que ficou disposto no lugar do antigo quadro negro da sala, e selecionamos as fotos entre o acervo escolar, organizando-as em álbuns, que também ficaram à disposição no memorial.

Tínhamos a intenção de pintar as paredes, pois a pintura da sala já estava suficientemente gasta, e de elaborar um grafite em uma das paredes abordando a temática de 60 anos do colégio, que seria executado por alguns alunos do curso de Artes Visuais da UEM, em uma parceria entre eles e o grupo do PIBID, porém a direção não conseguiu nos disponibilizar os materiais necessários para tal fim, nos impossibilitando de realizar a tarefa intencionada.

Durante todo o processo de construção e organização da sala contamos com a ajuda essencial dos professores e funcionários da escola, em especial, dos agentes de limpeza e zeladoria, que deram total apoio e auxílio para o grupo no projeto.

Conclusão

Devido ao nosso curto prazo, entregamos a Sala Memorial da forma que conseguimos, ficando a ser feito as edições das entrevistas, a pintura e grafite nas paredes, e o cuidado e limpeza a ela destinada. Para a conclusão do presente trabalho, nós fizemos uma visita ao Colégio, para verificar a atual situação da Sala Memorial.

Infelizmente a sala não recebeu a pintura, e as entrevistas não foram editadas e nem compiladas, porém a sala está aberta e sendo utilizada para outras finalidades.

Atualmente a Sala Memorial está sendo ambientada para se tornar uma sala de leitura, projeto liderado por alguns professores de Língua Portuguesa da escola. Devido a essa nova função do espaço, alguns dos objetos antigos expostos foram retirados das mesas, para que estas dessem lugar a livros de literatura, e aos estudantes que irão ocupar esse espaço para leitura.

Apesar da Sala Memorial não estar sendo utilizada para o objetivo que foi elaborada, ela está ativa e servindo como um espaço de promoção da leitura entre os alunos e alunas da escola. Tentamos contato com a direção, sem sucesso, sendo atendidos por um dos professores do Colégio no qual éramos mais próximos.

Após esse período de afastamento, concluímos que apesar de termos saído oficialmente da escola, deveríamos ter dado continuidade ao projeto por meio de visitas, contato com a comunidade escolar, e conclusão das etapas que ainda faltavam a ser finalizadas, após a abertura da Sala Memorial na Semana de Integração Família-Escola 2016.

Podemos constatar, também, que a falta de investimento e comprometimento em projetos como esse, muitas vezes, significam o seu cancelamento e encerramento sem a conclusão total, e conseqüentemente, sem o alcance de seus objetivos.

Por fim, manifestamos nosso desejo em dar continuidade ao projeto, porém sem condições e meios que nos possibilitem tal realização. E agradecemos ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, e a professora da rede básica do Paraná Eliane Maria Vicentin por todo o suporte e conhecimento compartilhado durante esses anos de trabalho.

Referências

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.

AMADO, Janaína. **A Culpa Nossa de Cada Dia: Ética e História Oral**. São Paulo: Proj. História, 1997.

FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

MARINGÁ. **Memória dos Bairros: Vila Operária**. Prefeitura de Maringá: 2002.

MATOS, Julia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski. **História Oral como Fonte: Problemas e Métodos**. *Historiæ*, Rio Grande, 2 (1): 95-108, 2011.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. *Revista Projeto História*, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993.

PARANÁ. Secretária do Estado de Educação. Colégio Estadual João XXIII – Ensino Fundamental, Médio e Profissional.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

SEED. Site do colégio João XXIII: **Datas e nome do colégio**. Disponível em: http://www.mgajoao.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/19/1530/42/arquivos/File/apresentacao/data_nomes.pdf. Acesso em: 20/08/2017

SEED. Site do colégio João XXIII. **História da Vila Operaria**. Disponível em: http://www.mgajoao.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/19/1530/42/arquivos/File/apresentacao/hist_vila_operaria.pdf. Acesso em: 20/08/2017

SEED. Site do colégio João XXIII. **Papa João XXIII**. Disponível em: http://www.mgajoao.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/19/1530/42/arquivos/File/apresentacao/papa_joaoXXIII.pdf. Acesso em: 20/08/2017.

VALENTIM, Renata Patricia Forain; TRINDADE, Zeide Araújo. **Sobre Memória, Representação e Identidade Social: alguns aspectos teóricos**. *Polis e Psique*, Vol. 1, n2, 2011.